

“In-significâncias essenciais” na clínica e o “terceiro analítico on-line”

Maruzza Tereza Cerchi Borges Fonseca^[1]

RESUMO: A partir da observação de captações finas de fenômenos in-significantes intrapsíquicos e interpssíquicos de situações clínicas, abriram-se reflexões referentes às transformações no campo analítico advindas tanto do atendimento virtual como do presencial, expandindo a possibilidade de vivência do conceito de *terceiro analítico* para a vivência do “terceiro analítico on-line”. O exemplo clínico do trabalho remete à importância da influência dos estados mentais em fluxo entre analista e analisando, especialmente o estado mental de relaxamento e de maior confiança na possibilidade de realizar um trabalho de valor e qualidade após quase um ano diante do horror da pandemia e seus desafios, mesmo valendo-se do formato virtual nos atendimentos psicanalíticos. As emoções presentes no campo analítico virtual, passíveis de serem captadas e expandidas, se desdobrariam em um possível aprender com as experiências emocionais em curso.

PALAVRAS-CHAVE: transformações, observação psicanalítica, experiência emocional, terceiro analítico on-line

1. Psicóloga. Especialista em psicologia clínica. Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise Ribeirão Preto (SBPRP). Membro do Centro de Estudos e Eventos Psicanalíticos de Uberlândia (Ceepu) e do Núcleo de Psicanálise de Uberlândia (NPU).

Hoje, no intervalo entre um atendimento on-line e outro, ao sair do escritório para um rápido café na copinha da minha casa, me dei conta de que estava descalça. Pés no chão e um evidente relaxamento. Fui invadida por uma gostosa sensação de prazer. Teria eu experimentado nesse momento a presença de um “prazer autêntico” (Rezze, 2016)? Ao afirmar que não poderíamos confundir prazer com o conceito de princípio do prazer (Freud, 1911/1969), Rezze (2018) traz questionamentos relevantes, pois o prazer, no seu entendimento, não se contraporia à realidade. Pelo contrário, o prazer faria parte dela. O autor proporia, assim, o “prazer autêntico” como uma ferramenta, capaz até mesmo de promover novos desenvolvimentos conceituais psicanalíticos.

Apesar de essa in-significante experiência emocional, a sensação gostosa dos pés descalços, ter ocorrido “apenas” intrapsiquicamente, tive a impressão de sentir uma expansão e uma interferência favorável desse efêmero instante nos demais atendimentos realizados ao longo do dia, como uma invariante (Bion, 1965/2004). Esse fato me possibilitou identificar observações similares posteriormente em outros dias, especialmente nos últimos meses de atendimento virtual.

Logo em seguida alguns pensamentos e reflexões começaram a insistir em fazer-me companhia.

Nos últimos meses ocorreram *webinars* de psicanalistas que procuraram, de forma séria, compartilhar suas recentes experiências, observações e/ou preocupações no que tange à nova modalidade de atendimentos clínicos que se instalou no cotidiano em decorrência da pandemia – os atendimentos on-line.

Questionamentos e reflexões surgiram com diferentes propósitos, entre os quais o de nos solidarizarmos uns com os outros diante do terrível impacto desta nova realidade. E mais, favorecer um “espaço potencial” (Winnicott, 1971/1975), fecundo de trocas de experiências bem como de contato humanizado, justamente nesse delicado momento no qual as palavras de ordem eram e ainda são *distanciamento* e *isolamento social*, em que o uso da criatividade e a manutenção da vitalidade figuram como instrumentos ainda mais essenciais.

Estávamos e estamos tal como cometas e satélites, flutuando a esmo no espaço sideral – a vida. Até mesmo nós, “os humanos”, que desde o nascimento temos em nossa natureza o sentimento de desamparo, poucas vezes experimentamos uma condição tão concreta de vulnerabilidade, a ponto de nos sentirmos imersos em uma constelação de incógnitas.

Ao escolhermos um vértice de investigação sobre a temática, pressuporíamos a inevitável constatação de inúmeros outros aspectos não menos importantes colocados de lado, para serem abordados em outra oportunidade. Destacarei uma conferência que me serviu de inspiração, acrescida do contato recente com a obra do poeta Manoel de Barros (1916/2010), especialmente no seu poema “Tratado geral das grandezas do ínfimo”:

A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei.
Meu fado é o de não saber quase tudo.
Sobre o nada eu tenho
Profundidades.
Não tenho conexões com a
Realidade.
Poderoso para mim não é aquele
Que descobre o ouro.
Para mim poderoso é aquele que
Descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).
Por essa pequena sentença me
Elogiaram de imbecil.
Fiquei emocionado.
Sou fraco para elogios.
(p. 403)

Neste trabalho, tomarei a direção das "in-significâncias essenciais",^[2] utilizando como fundamentação teórico-clínica a teoria da observação da experiência emocional de Bion, mais especificamente em seus trabalhos a partir de *Atenção e interpretação* (1970/2006), entre outros. Nessa perspectiva das in-significâncias, levarei em consideração também algumas imagens evocadas ao escrever este texto, as quais acredito ter mantido em "banho-maria" e que, neste momento, vieram me buscar, requisitando acesso a canais inéditos.

Nos *webinars* ocorridos em junho e setembro de 2020, o psicanalista João Carlos Braga, ao observar sua experiência clínica, dizia ter se surpreendido favoravelmente com a efetiva possibilidade de atendimento on-line, demonstrando uma mudança de opinião pois, tempos atrás, não consideraria o atendimento não presencial como psicanálise. Segundo ele, a melhor forma de nos aproximarmos do "científico" quando o objeto de estudo é a realidade psíquica seria através de uma imersão na experiência direta e na possível elaboração de abstrações coerentes sobre essa experiência. Nesse *webinar*, o autor cita Bion, dizendo que a partir dele a primazia do enfoque na relação analítica passaria a incluir uma maior imersão do analista na mente do analisando, e prossegue relatando que nessa nova experiência de atendimento on-line tem observado, em alguns pacientes, mudanças psíquicas significativas no sentido de desenvolvimento e utilização de recursos mentais que até então não estavam disponíveis.

Temos a observação como método de trabalho desde os primórdios da psicanálise, sendo o médico e neurologista francês Jean-Martin Charcot seu precursor. Ele afirmaria que jamais deveríamos nos fatigar de considerar os mesmos fenômenos repetidas vezes, e que não deveríamos nos importar ao nos depararmos com a contradição vinda de vários lados de uma observação (Gay, 1923/1989).

2. Neologismo criado por mim no sentido de demonstrar que o significado de algo estaria diretamente relacionado à experiência emocional estabelecida entre a pessoa e a situação ou o objeto.

Encontramos uma afirmação em Chuster (2019) sobre a necessidade desse cuidado com o método de observação: “Podemos dizer, que na percepção de um fato e sua interpretação, admitimos a óbvia ocorrência de muitas transformações” (p. 21).

Assim, seguirei a mesma direção das ideias desenvolvidas por João Carlos Braga, acrescentando alguns elementos in-significantes como possíveis fatores promovedores de novos fluxos e aberturas entre a dupla analítica.

Meltzer (1986, citado por Hartke, 2004) distingue três níveis de funcionamento mental de personalidade. Destaca o terceiro nível como mais qualitativo, no qual teríamos a emoção como elemento principal. Meltzer consideraria que, de alguma forma, todos os níveis, em proporções diferentes, agem e interagem em todos nós simultaneamente.

Considerando a multidimensionalidade psíquica (Meltzer, 1992/2017) e a complexidade mental do ser humano, temos como sabido que o fluxo de vivências se daria, portanto, intrapsiquicamente no trânsito entre esses três níveis supracitados de desenvolvimento mental, e não apenas em uma única direção intersiquicamente. Pelo contrário, o fluxo se daria em várias direções internas e externas, de forma dinâmica e, muitas vezes, contraditória, a depender de inúmeras variáveis. Experiências de ordem favorável ao trabalho analítico on-line ocorreriam concomitantemente a outras experiências de desconforto e de escassez de qualidade, gerando tensões e incertezas em face dessa mesma realidade e gerando dificuldades para realizar observações sobre esse fenômeno.

Também seria oportuno não desconsiderarmos o fator temporal ao se pensar na complexidade de um fenômeno a ser observado. As observações ao longo de um continuum certamente seriam elucidativas nesse processo de aproximação de alguma compreensão, visto estarmos há quase um ano vivenciando o virtual no trabalho clínico. Durante esse período, as experiências sofreram os reflexos da passagem do tempo, interferindo na nossa forma de sentir, processar e lidar com a nova realidade em cada momento. Assim, os efeitos a que estamos sujeitos referem-se ao aspecto não apenas das interferências de ordem espacial (presencial vs. on-line), mas também dessas experiências cumulativas ao longo do ano.

Chuster (1999), ao abordar a temática de transformações sob a perspectiva bioniana, destaca as variáveis espaço e tempo como parâmetros fundamentais na compreensão da complexidade dos fenômenos mentais. Portanto, as observações sofreriam, inevitavelmente, as influências desses fatores e, assim, uma forma de realizarmos alguma compreensão a respeito de um fenômeno seria através das suas invariantes (Bion, 1965/2004), como nos apresenta Chuster (1999): “As invariantes humanas derivam de fatos estritamente relacionados a intervalos de espaço-tempo, antes de emergirem nas interpretações. Este aspecto influi enormemente no fato observado” (p. 145).

Portanto, as invariantes passíveis de serem detectadas servirão de norte na proposta de observação e de escrita deste texto.

Foi então que, ao escutar um barulho, abro a janela do escritório onde estou a trabalhar on-line e um raio de sol entra numa tímida frestinha, iluminando meu pensamento e, de forma suave, ouço um som que, na verdade, eram apenas algumas palavras sendo proferidas pelo astro Sol, que me dizia assim: "É! Não será fácil voltar a atender no seu consultório, na modalidade presencial, quando as coisas retornarem para o suposto 'normal'".

Recebi aquele aviso com certo estranhamento e incômodo. Afinal, não seria o contrário? Não estaríamos ansiando pelo retorno o mais breve possível às nossas atividades na modalidade presencial?

Aquela conversa "solar" continuaria a adentrar-se pelas frestas do pensamento, através da apresentação de um fluxo de imagens desfilando na minha mente. Dentre elas, uma se destacaria das demais: a de um animal de estimação de uma colega que, repentinamente, havia aparecido na tela em uma atividade on-line. O animalzinho de forma majestosa colocou-se a desfilor, elegantemente, na frente do visor querendo chamar a atenção da sua dona.

Presumi que, possivelmente, estariam a ocorrer situações semelhantes à dos pés descalços, à do sol a aquecer e iluminar o local de trabalho e à da participação carinhosa do animalzinho na sessão, também do outro lado da tela, no "local" onde os analisandos se encontravam, gerando desdobramentos psíquicos neles e, consequentemente, em todo o campo analítico.

Essas vivências poderiam ser consideradas apenas situações ambientais ou ínfimos acontecimentos sem grandes efeitos ou impacto emocional nos atendimentos clínicos, até mesmo passar despercebidas para a maior parte das pessoas. Provavelmente não passariam para nós – analistas –, quase sempre "donos" de uma microscopia e proprietários de um olhar conectado às "profundidades do nada", como nos inspira o poeta Manoel de Barros (1916/2010).

Como não sentir a presença e a interferência, nas nossas mentes ou no campo analítico, de tais experiências emocionais psíquicas, sejam elas de caráter doloroso e/ou prazeroso?

Outra lembrança surge de uma experiência clínica vivenciada em sessão on-line. É de uma paciente que havia tido bebê durante a pandemia e que, em uma das sessões, entra com algum atraso, mas a percebo nitidamente satisfeita – havia acabado de amamentar seu bebê. Está com ar calmo. Me agradece emocionada, dizendo que certamente não saberia como fazer caso não houvesse essa possibilidade de atendimento on-line, pois sentia um nível de angústia enorme diante dos desafios da chegada do bebê. Percebi um alívio na paciente que a deixava com a mente mais tranquila para trabalharmos. Considero tais estados um dos promovedores da condição mental que acabou lhe permitindo reverter um processo precoce de desmame prestes a ocorrer. Com enorme satisfação e orgulho de si mesma, até o presente momento, a paciente tem continuado a amamentar o bebê apenas no seio.

“Terceiro analítico on-line”:^[3] uma nova morada

O conceito de *terceiro analítico* de Ogden (1996), a meu ver, fornece as bases teóricas de sustentação de possíveis pilares onde se assentariam alguns efeitos dos atendimentos virtuais, incluindo os favoráveis.

Ancorados nessa base teórica, podemos pensar que estados mentais intrapsíquicos do analista e do analisando se comunicariam constantemente, seja no trabalho realizado presencialmente, seja no trabalho realizado on-line.

Ogden (1996), ao desenvolver esse raciocínio, explica que a compreensão do conceito do terceiro analítico representaria uma elaboração e extensão da noção de Winnicott (1960, citado por Ogden, 1996) de acordo com a qual “um bebê é algo que não existe separado dos cuidados maternos”, acreditando que, da mesma forma, no contexto analítico um analisando seria algo que não existiria separado da relação com o analista, e um analista seria algo que não existiria separado da relação com o analisando. O autor segue explicando que a unidade mãe/bebê coexistiria, então, em tensão dinâmica com a mãe e o bebê como seres separados, da mesma forma que a intersubjetividade do analista/analisando coexistiria em tensão dinâmica com o analista e o analisando como indivíduos separados. O terceiro analítico formaria uma terceira subjetividade como produto da dialética única produzida entre as subjetividades separadas do analista e do analisando. E, devido ao fato de isso ser vivenciado por analista e analisando no contexto do sistema de personalidade de cada um, de suas histórias pessoais, suas constituições psicossomáticas, a experiência do terceiro analítico não seria idêntica para cada participante.

Assim, ficaria compreensível *realizar* (Bion, 1967/1994) quanto o fluxo constante das experiências relatadas até aqui – experiências significativas, calorosas e prazerosas quando presentes no campo analítico, mesmo que a princípio advindas do ambiente externo – influenciariam psiquicamente os participantes das sessões, gerando a possibilidade, em alguns momentos, de estados mentais diferenciados com potencial gerador de aberturas no campo. Uma espécie de somatória de estados mentais advindos das mentes de ambos os participantes – “terceiro analítico on-line”.

Rezze (1997), no seu trabalho “A fresta”, aponta quanto uma ruptura do cotidiano no paciente poderia introduzir o uso do seu pensamento. O autor acredita ser relevante estudar a espessura dessa fratura, em que no seu entendimento ocorreria a experiência estética.

Sim, a jornada da vida desde sempre impôs ao ser humano essa realidade, de constantes desafios diante das incertezas, geradoras de fraturas imprevisíveis. Com a pandemia, porém, vimos esse fator incrementado, com todos nós vivenciando essa fratura nas nossas atividades profissionais e pessoais. Uma espécie de quebra drástica de potencial paradoxal, geradora de efeitos nos atendimentos clínicos.

3. Proposta de modalidade relacional/espacial inspirada no conceito de Ogden de “terceiro analítico”. Neste caso, um campo analítico construído pela somatória entre as mentes da dupla analítica na experiência virtual.

Segue outra vinheta clínica:

P2: Sempre imaginei que minha vida mudaria diante de alguma tragédia. Sei que é uma espécie de covardia. Mas, secretamente, fico me imaginando em situações diferentes, inusitadas, sei lá... numa enfermaria de alojamento de guerra ou algo assim. Desejando que algo de força maior acontecesse para quebrar com essa rotina em que há anos me sinto aprisionada.

O anseio da paciente por essa fratura me parece ilustrar o que o trabalho de Rezze (1997) nos apresenta. No caso dessa paciente, realizada apenas como uma construção imaginativa.

A experiência da pandemia e, mais especificamente, do trabalho virtual contemplaria, portanto, aspectos de vivências complexas e paradoxais, seja nos analisandos, seja nos analistas, seja no terceiro analítico on-line, impostas por essa fratura ameaçadora de âmbito mundial.

Dentro dessa perspectiva de fraturas e suas potencialidades, outro texto, do escritor Bachelard (1990/2019), nos auxiliou na compreensão destas reflexões.

A ideia é nos direcionarmos para um dos eixos principais do texto, fruto de observações clínicas, segundo o qual não existiria "atendimento on-line", e sim "*atendimentos on-line*", no sentido de que, além das inúmeras variáveis internas presentes nessa dinâmica, haveria também escolhas diferentes realizadas pelo profissional quanto à forma de se organizar. Alguns profissionais optaram pelo atendimento on-line em suas clínicas; outros, porém, optaram por trabalhar nas suas casas. Também os ambientes variaram em relação ao local escolhido pelos analisandos para realização das sessões e suas reverberações internas em cada um. Esse fato poderia até soar como algo insignificante, mas não para o filósofo Bachelard (1990/2019), que nesse texto nos mostra quanto a "casa", com todos os seus simbolismos, produziria em nós poderosos efeitos emocionais. O fato relatado no começo do texto, dos pés descalços, remeteria a uma atmosfera circunscrita no ambiente caloroso e aconchegante de um lar, capaz de mobilizar aspectos inconscientes. O filósofo, além de atribuir à casa a capacidade de promover inconsciente e conscientemente sensações de segurança, aconchego, intimidade, a considera como um dos arquétipos do ser humano e a conecta a outro arquétipo mais elementar – o arquétipo mãe. Vejamos seu pensamento:

No trajeto que nos leva de volta às origens, há primeiramente o caminho que nos restitui à infância, a nossa infância sonhadora que desejava imagens, que desejava símbolos para duplicar a realidade. A realidade materna foi multiplicada imediatamente por todas as imagens de intimidade ... A intimidade da casa bem fechada, bem protegida, reclama naturalmente as intimidades maiores, em particular o regaço materno e, depois, a do ventre materno. (pp. 94-95)

Assim, ao realizarmos as sessões em *casa*, na modalidade on-line, com "fraturas" nos ritmos, na rotina e no *setting* tradicional, haveria probabilidade de abrirmos

novos espaços mentais, promovedores de um despertar de emoções inconscientes profundas, adormecidas.

Entendo que alguns estados mentais favoráveis, no analista, poderiam funcionar como favorecedores de uma maior disponibilidade mental, promovendo uma espécie de potencialidade nas suas capacidades de estar com o paciente – em uníssono^[4] (Bion, 1965/2004) –, e de gerar qualidades de envolvimento emocional.

Antonino Ferro (1998), ao realizar considerações relativas ao *setting* analítico, propõe quatro acepções prevalentes: o *setting* como conjunto de regras formais; o *setting* como condição mental do analista; o *setting* como objetivo; e a ruptura do *setting* pelo analista. Ao discorrer sobre a última acepção, o autor nos apresenta o conceito de “rupturas substanciais”. As rupturas substanciais seriam aqueles casos em que o analista não faria nenhuma mudança formal do *setting*, mas modificaria, de alguma forma, o campo emocional, ao trazer uma condição mental para ele diferente da habitual.

Assim, podemos entender o *setting* “casa” como algo que contemplaria, inevitavelmente, a mente do analista e a mente do analisando, com todos os simbolismos e representações contidos nos arquivos de emoções de cada participante do *setting* e nas interconexões entre eles, independentemente da modalidade de atendimento em curso.

Sobre nascentes in-significantes com potencial incerto

Dentro do contexto das “in-significâncias essenciais” e de volta às lembranças do passado, as imagens foram se transformando. Lembrei-me que quando garota, ao estudar sobre as duas grandes guerras mundiais, ficava intrigada – e confesso que até o presente momento ainda fico – quanto à origem das guerras. Me questionava como haviam começado. Nunca ficava clara para mim a causa exata. O que os livros, professores e filmes relatavam me parecia tão in-significante – em termos de promover um desfecho de tal magnitude e de potencial tão devastador –, que não conseguia compreender e aceitar.

Também a pandemia – espécie de guerra invisível – me causa a mesma perplexidade. Me lembrei que, quando as notícias sobre o vírus começaram a veicular nos noticiários, estava prestes a viajar para encontrar meu filho na Finlândia. As notícias apontavam na direção de que a pandemia ficaria circunscrita apenas ao seu país de origem – a China. E, no entanto, o fato foi que acabamos precisando retornar ambos – eu e meu filho – em caráter de urgência, pois, em questão de alguns dias, o panorama se transformou. O mundo se encontrava completamente refém do tal vírus. E mesmo após algum tempo, com a aceitação da incontestável invasão mundial do vírus nas nossas vidas, ainda achávamos que teríamos que ficar apenas um ou dois

4. Em se tratando de música, um uníssono é um intervalo na razão de 1:1 ou 0. Dois tons em uníssono são considerados da mesma altura, mas podem ser percebidos como se originários de fontes diferentes.

meses isolados, e cá estamos nós até o presente momento trabalhando e vivendo em regime de restrições importantes, inundados de incertezas.

Esses acontecimentos seriam uma forma de compreendermos que as origens, as pequenas sensações, os detalhes, as coisas in-significantes, na verdade, poderiam conter ou já conteriam, de forma embrionária, coisas de grande magnitude capazes de reverberações significativas e universais? Nascentes potentes!

Portanto, podemos nos perguntar: e agora? O que restaria diante desta incômoda realidade com-partilhada? Sem a pretensão de responder, vejo como promissor o caminho na direção de desenvolvermos um olhar atento ao ínfimo, seja nas situações externas ou em nós, especialmente na clínica analítica. Observarmos o ínfimo em seu fluxo constante, o trânsito das emoções na dupla analítica, respeitarmos esses sinais, se possível, e tentarmos prosseguir acompanhados pela boa vontade, como nos sugere Chuster (2019): "Nenhuma divindade é um objeto bom sem restrições. O único objeto bom sem restrições é a boa vontade. Ela pode transformar até mesmo coisas ruins em elementos de valor. A boa vontade torna possível tirar proveito de um mau negócio" (p. 10).

Material clínico

As duas vinhetas clínicas que transponho aqui aconteceram em um desses dias de atendimento clínico de "relaxamento". O atendimento que irei relatar seria o primeiro da manhã.

Chego a pensar com satisfação algo sobre não precisar pegar o trânsito para ir até o consultório. Quando olho no relógio, falta apenas um minuto para o começo da sessão, então, quando vou entrar no Skype, recebo uma mensagem da paciente me dizendo que havia me enviado um link por e-mail, pois naquele dia iríamos realizar a sessão pelo Teams. Não conhecia esse aplicativo. Gostei da proposta e de conhecer algo novo. Após breves comentários sobre a novidade do Teams, a paciente introduz um assunto, diz que se indagou se estaria tudo certo... que ficou na dúvida se teríamos a sessão. Prossegue dizendo que, como ela havia desmarcado a última sessão, se sentiu confusa e insegura. Estranho o comentário, pois há vários anos temos a sessão naquele horário. Digo isso a ela. E prosseguimos conversando. Ela diz ter observado que, por volta das 6:50 h, normalmente eu já estou on-line, e como no dia eu não estava, ela achou que pudesse ter havido algum desencontro.

Continuamos investigando juntas.

Pontuo que continuo achando estranho que o fato de uma única vez não ter ocorrido a sessão tenha sido suficiente para ela achar que a próxima não aconteceria no mesmo horário. Em determinado momento da conversa, ela introduz outro elemento. Diz que não tem dormido bem nos últimos dias. Brinco com ela, com uma expressão nossa conhecida há tempos – "fazendo hora extra?" –, utilizada quando ela passa por eventuais dias ou períodos de insônia. E depois de algumas idas e vindas juntas, identificamos que, na verdade, seu pensamento de que talvez a sessão

não fosse ocorrer naquele dia não se devia à insegurança sobre o horário ou nosso vínculo, e sim à insônia e ao cansaço. Portanto, havia passado rapidamente por sua mente que não seria de todo ruim não ter a sessão. Um desejo, um pouco velado, de não ter a sessão para dormir um pouco mais. E para não se responsabilizar por esse desejo, seria bem melhor que houvesse um desencontro “espontâneo” entre nós.

Nesse momento, um pensamento atravessa-me: mas será que seria apenas uma recuperação de horas de sono, ou haveria algum outro elemento que a paciente podia estar querendo evitar? Uma vontade de não acordar e continuar “dormindo”? Compartilho com ela esse pensamento. Percebo que o questionamento que fiz ficou ali... em reserva. A paciente não o refutou, tampouco o considerou conscientemente.

Começamos a lançar um fecho de luz sobre sua insônia, especialmente nos momentos que antecedem o adormecer. Laís menciona seu novo trabalho. Acredita que ele seria um possível causador do problema. Diz que vivencia tantas coisas durante o dia no trabalho, que ao chegar a noite sua mente necessitaria processar tudo “tim-tim por tim-tim”. Esse funcionamento mental é nosso velho “conhecido”, sendo batizado por nós como *digestão mental*. Percebo que não ficamos nesse lugar já conhecido. Sinto minha mente disponível. Partimos em direção a outras possibilidades. Ambas “a-cor-dadas”. O interessante é que foi aumentando essa sensação em mim, de um crescer de intimidade. Ao continuarmos a investigar os momentos antecedentes ao dormir, ela diz: “P-M., às vezes, nessas horas, eu não sei, ao certo, se estou dormindo ou acordada”.

Tenho um impacto com o comentário. Me ocorre a lembrança de alguns textos de Cassorla (2016) e, especialmente, deste texto de Bion (1979):

Temos uma desvantagem a favor do estado de vigília (*W-state*), as pessoas contam sem hesitar que tiveram um sonho, por conseguinte querendo dizer que não aconteceu na realidade. Eu diria que é uma desvantagem da pessoa que tem a musculatura voluntária a seu favor e não dá importância a onde ele pode ir a não ser com o uso dos músculos voluntários. Não ouvimos muito sobre os lugares que visitamos, as paisagens que vemos, as histórias que ouvimos e as informações aproveitáveis quando estamos dormindo, a menos que o traduzamos estando acordados. (p. 473)

Nesse trabalho Bion nos apresenta dois questionamentos: sobre quem ou o que decidiria pela prioridade do estado de vigília (*W-state*) sobre o estado mental de sono (*S-state*), e de como levar para o *W-state* a experiência que temos dormindo, para o tipo de funcionamento que ocorre quando estamos acordados.

P: Outro dia *vivi* uma situação e, depois, fiquei na dúvida se aquilo tinha de fato ocorrido ou não. Era uma conversa com o meu gerente. Depois de algum esforço, percebi que não tinha acontecido a conversa... muitas vezes, acontece assim. Mas é tão real, M.

...

P: Parece que misturo. Eu vou repassando o que aconteceu no dia e começo a colocar

outras coisas e outras possibilidades que eu gostaria que tivesse ocorrido, ou que eu poderia ter feito diferente.

...

A: Conserta tudinho! E depois fica sem saber o que de fato aconteceu... de forma habilidosa dá um jeito de mudar a realidade.

...

A: Hum... especialmente, as partes que não ficou satisfeita. Quase uma Varinha de Condão. Tcham! Mágica!

Ela vai visitando outros vértices. A condição de pensar, apesar do sentimento de raiva, vai brotando. Oscilando entre momentos de intensa raiva e outros de ponderação.

Digo que, por mais que ela ensaiasse à noite ou ali comigo na sessão, na hora H, de viver a situação, seria algo novo – sempre. E que, portanto, ela teria que contar mesmo era consigo e com a sua condição mental que emergirá no encontro.

Outra vinheta da mesma sessão registra que Laís volta a pensar sobre as “horas extras”. Visualizo movimentos em espiral na sessão. Vamos explorando as modalidades das “horas extras”: metabolização mental, ensaios antecipatórios, reparos obsessivos etc.

Foi então que entramos numa área “estranha”, de forma um tanto desengonçada. Não me recordo como surgiu aquele assunto. Um assunto difícil para Laís, mas que ela vem explorando com coragem e intimidade nos últimos anos de trabalho, nas sessões: “ah... e tem também outra modalidade de pensamento, nesses devaneios... onde eu fico bem grandona. Eu cresço... me sinto mais segura. É uma espécie de ficção”.

Conta como ocorre essa modalidade, dizendo não ocorrer apenas ao pensar em situações passadas, em que repassava de forma obsessiva os acontecimentos diários. Tenta discriminar. Sinto-a um pouco constrangida, porém diferente de sessões anteriores, pois acessava na hora o seu pensar. Quis mostrar isso para ela e lhe dizer o que eu estava a observar – “quem sabe faz ao vivo, não é, Laís?”

Também vou sentindo-a me observar. Observar minhas tentativas ali ao vivo, ao escolher ir por um caminho, depois mudar, redirecionar. Falo sobre isso com ela: “hoje recalculamos a rota por várias vezes, não foi mesmo, Laís?”

Não sinto mais que ela estava apenas me acompanhando... às vezes era eu quem propunha algo, às vezes era ela quem trazia algo inédito. Estávamos livres, leves e soltas (pés descalços).

Ela continua falando dos seus devaneios megalomaniacos.

(De repente) mostro o batom que estava na minha mesa do escritório e digo que, para algumas pessoas, um batom seria apenas um batom. Para outras pessoas poderia ser um foguete, dependendo de vários fatores, inclusive do potencial imaginativo de cada pessoa. (Sorri.)

Surge um insight – que vinha sendo construído naquela sessão ou sabe-se lá há quanto tempo. Não me lembro bem se surgiu dela ou de mim, talvez porque tenha sido

construído *entre* nós, a quatro mãos – uma manifestação mais explícita do terceiro analítico on-line no campo analítico.

P: Acho que nesses devaneios viajo na maionese. Vivencio situações bem grandiosas, às vezes, me imagino em cargos altos. Fazendo coisas potentes.

A: Fico com a impressão de que uma das funções desses devaneios seria de você vivenciar essa sua área mental, mais grandiosa. A sua parte, poderíamos dizer assim, maníaca. Só que num lugar, agora, seguro, privado e protegido!

(Silêncio)

A: Parece que você conseguiu dar uma “casa” para essa área mental que sempre te assustou muito, mas que por outro lado sempre te atraiu. E que você vem fazendo um luto enorme e um grande empenho para não se alimentar apenas dela na sua vida. Uma forma de você suportar o seu eu real. Suportar a realidade, sem se sentir tão inferiorizada. É como se você vivenciasse duas Laís. A acordada vai seguindo a vida. Vida dura, de pequenos avanços. Abalos narcísicos... vai “aceitando”. Engolindo sapos... um pouco a conta-gotas... um pouco a contragosto.

E a Laís dormindo vai lá, secretamente, e realiza tudinho que a outra não consegue realizar. Tudo na fantasia. Ou melhor, quase na fantasia. Porque fica tão real que lhe dá a impressão que aconteceu de fato.

E a sessão prossegue por mais algum tempo.

Memória do futuro: podemos encontrar o belo nas “guerras”?

Emerge no meu pensamento outra imagem, cuja origem percebo não mais estar nas memórias do passado, e sim, provavelmente, em uma memória do futuro.

A imagem advém de alguns filmes de guerra. Surgiu uma imagem não propriamente de uma guerra, mas de seu final. Soldados “felizes” se despedindo. Sobreviventes! A cena tem algo diferente. Há a presença de uma tristeza. Não a tristeza consequente da parte traumática vivenciada. Nesta imagem há uma tristeza pela beleza do vivido. Da solidariedade vivenciada. A beleza da coragem, da igualdade e da fraternidade verdadeira entre os soldados aliados. A beleza da dor compartilhada. E a presença de um profundo luto. O luto e a despedida dessas experiências “belas” que, únicas, certamente não mais serão vivenciadas.

Penso que de forma parecida, daqui a algum tempo, não mais irei descalça tomar café, o animalzinho terá que se acostumar com a ausência da sua dona no seu cotidiano etc. Precisaremos conviver com a falta desses ínfimos elementos.

Esse vértice de observação contemplaria algo do inesperado, o luto pela ausência das sensações e dos efeitos favoráveis que, a despeito da dinâmica desafiadora da pandemia e dos atendimentos on-line, de forma estranha e surpreendente, nos revelaram outras facetas da situação com aspectos prazerosos, propiciadores de um despertar de emoções saudosas num futuro próximo. Vislumbro como possível a necessidade de nos readaptarmos e acolhermos os estranhamentos da volta ao estilo antigo de vida, que nunca mais será como antes. Não nos banharemos mais no

mesmo rio, pois, certamente, nem nós nem o rio guardaremos as mesmas condições.

Podemos nos perguntar ao nos projetar para o futuro: como cada analista sentirá essa experiência emocional inédita à qual, querendo ou não, fomos convocados/alistados a viver?

Certamente encontraremos invariantes (Bion, 1965/2004), porém acredito que cada analista, silenciosamente, guardará no seu arquivo mente/coração suas ressonâncias deste momento histórico, ou seja, encontraremos em cada analista/soldado, por si só, uma infinidade de registros e adaptações dessa experiência do atendimento on-line e das vivências da pandemia.

Sobrevivemos e sobreviveremos? Saberemos aprender algo desta experiência de porte traumático? Soubemos e saberemos tirar proveito de um mau negócio?

Camargo (2012), ao discorrer sobre a temática da experiência emocional, aponta para a importância de diferenciarmos o *vivenciar a experiência emocional* do *aprender com a experiência emocional*, afirmando que, de alguma forma, experiências emocionais todos somos capazes de vivenciar, mas o que nos diferencia seria a nossa capacidade ou não de aprendermos com as experiências emocionais.

Acredito que teremos tempo no futuro para revistar esse manancial fértil de experiências de caráter universal e singular que todos nós estamos a viver.

Citarei como exemplo uma experiência própria: venho, de algum tempo para cá, trabalhando de forma híbrida. No começo estranhei um pouco, porém tenho percebido, lentamente, uma readaptação ao presencial acompanhada de certa tristeza, advinda de alguns registros sutis de contato com pequenas sensações de perda quando estou no consultório, seja atendendo on-line, seja presencialmente. Uma falta do ambiente da minha casa e de desdobramentos dessas vivências.

Nós, seres humanos, não somos máquinas, portadores de uma chave que vira para a direita ou para a esquerda e pronto! Precisamos de tempo para processar mudanças. Valeu-me o valioso conceito de fenômeno transicional de Winnicott (1971/1975), no sentido da necessidade de uma transição. Poderíamos dizer: colocar um pé lá e outro acolá – descalços ou calçados!

Conjecturo que apesar de, ao retomarmos as atividades presenciais, “perdermos” o acesso concreto àquelas vivências “prazerosas”, fruto do trabalho em casa on-line, talvez, nesse retorno, consigamos preservar esses mesmos elementos, porém transformados por um possível *aprender com as experiências emocionais*. Nos tornaremos (Bion, 1965/2004) diferentes! Assim, quem sabe conseguiremos expandir essas experiências para o campo das representações simbólicas: não mais os pés descalços, mas talvez o aprendizado de usufruirmos de uma espécie de relaxamento similar. Não mais o sol entrando pela fresta da janela, mas o aquecimento pela intimidade da conversa com o paciente. Não mais a companhia do animal de estimação roçando o braço, mas o toque profundo de almas que o encontro analítico desde sempre é capaz de promover.

Neste momento, ao tentar dar continuidade à ensolarada conversa anterior, não mais encontro o sol no mesmo lugar. Se escondeu? Encontro agora apenas o

silêncio. Um silêncio imperioso, pleno de significados, que acabou me remetendo a uma frase de Nelson Rodrigues que Chuster cita em nota de rodapé no trabalho de Bion (1979) traduzido por ele: “A maioria das pessoas imagina que o importante é a palavra. Isso pode ser um engano. O importante é a pausa. É na pausa que duas pessoas se entendem e entram em comunhão” (p. 9).^[5]

Considerações finais

Este trabalho, a meu ver, mostrou a viabilidade da vivência do terceiro analítico no formato on-line através do abrir-se para uma observação de experiências vivas, propiciadas tanto por meio de situações ordinárias como extraordinárias no campo analítico. Abrir-se na tentativa de encontrar em si significados únicos, que se comunicam intersubjetivamente, constantemente. Abrir-se para uma morada nova, repleta de cômodos, barulhos, luminosidades e vivências a serem exploradas.

Assim, este trabalho, que pareceria tratar de experiências emocionais propiciadas apenas em decorrência da pandemia, se apresentou como uma obra aberta (Eco, 1932/2015), com diferentes possibilidades. Expandiu-se para novas frentes, incluindo férteis elementos originários de quaisquer experiências emocionais, ditas pequenas ou in-significantes, locados à margem do *setting* tradicional exclusivo, convidando-nos, a partir de fraturas no cotidiano da sala de análise/*setting* (mente/casa), a considerá-las como parte do repertório de observação do analista, instrumentalizando-as no campo analítico – um campo em constante transformação.

“In-significancias esenciales” en la clínica y el “tercero analítico on-line”

Resumen: A partir de la observación de las captaciones finas de los fenómenos in-significantes intrapsíquicos y también interpsíquicos de situaciones clínicas han aparecido reflexiones relacionadas a las transformaciones en el campo analítico que provienen tanto de la consulta virtual como de la presencial y ellas han expandido la posibilidad de una vivencia del concepto de *tercero analítico* hacia la vivencia del “tercero analítico on-line”. El ejemplo clínico de trabajo que se menciona nos remite a la importancia que tiene la influencia de los estados mentales en flujo entre el analista y el analizando, especialmente el estado mental de relajamiento y de mayor confianza en la posibilidad de realizar un trabajo de valor y calidad después de casi un año, en el medio del horror de la pandemia y sus desafíos, incluso valiéndose del formato virtual en las consultas psicoanalíticas. Las emociones que se hicieron presentes en el campo analítico virtual, pasibles de ser captadas y expandidas, se pueden desdoblar en un posible proceso de aprender con las experiencias emocionales en curso.

5. A versão do artigo de Bion traduzida por Chuster, da qual consta a nota de rodapé citada, não foi publicada. Faz parte do acervo pessoal da autora.

Palabras clave: transformaciones, observación psicoanalítica, experiencia emocional, el tercero analítico on-line

"Essential in-significances" in the practice and the "online analytic third"

Abstract: As from the observation of fine captures of in-significant intra-psychic and inter-psychic phenomena of clinical situations, reflections were opened referring to transformations in the analytical field deriving both from virtual and face-to-face care, this way expanding the possibility of experiencing the *analytic third* concept for the experience of the "online analytic third". The work's clinical example leads to the importance of the mental states in flux between analyst and analysand, especially the mental state of relaxation and of greater confidence in the possibility of accomplishing valuable and high quality work, after almost a year amidst the horror of the pandemic times and their challenges, even making use of the virtual format in the psychoanalytic care. The emotions which are present in the virtual analytic field, liable to be captured and expanded, would be unfolded into a possibility of learning with the ongoing emotional experiences.

Keywords: transformations, psychoanalytic observation, emotional experience, online analytic third

Referências

- Bachelard, G. (2019). A casa natal e a casa onírica. In *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade* (P. Neves, Trad.; 3a ed., pp. 75-99). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1990)
- Barros, M. (2010). *Poesia completa*. Leya. (Trabalho original publicado em 1916)
- Bion, W. R. (1979). Como tornar proveitoso um mau negócio (O. D. Knijnik, Trad.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 3(7), 467- 477.
- Bion, W. R. (1994). Uma teoria sobre o pensar. In *Estudos psicanalíticos revisados (second thoughts)* (W. M. M. Dantas, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1967)
- Bion, W. R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2006). *Atenção e interpretação* (P. S. Sandler, Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Camargo, C. A. V. (2012). Do aprender com a experiência ao contato psíquico genuíno. In C. J. Rezze, E. S. Marra, & M. Petriccioni (Orgs.), *Afinal, o que é experiência emocional em psicanálise?* (pp. 63-81). Primavera Editorial.
- Cassorla, R. M. S. (2016). *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment*. Blucher; Karnac.
- Chuster, A. (1999). *W. R. Bion: novas leituras: a psicanálise: dos modelos científicos aos princípios ético-estéticos* (Vol. 1). Companhia de Freud.
- Chuster, A. (2019). Fanatismo. *Jornal da Febrapsi*, 25, 10-11.
- Eco, U. (2015). *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas* (G. Cutolo,

- Trad.; 10a ed.). Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1932)
- Ferro, A. (1998). *Na sala de análise: emoções, relatos, transformações* (M. Justum, Trad.). Imago.
- Freud, S. (1969). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud: Vol. 12. O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)* (J. O. A. Abreu, Trad.; pp. 273-288). Imago. (Trabalho original publicado em 1911)
- Gay, P. (1989). *Freud: uma vida para nosso tempo* (D. Bottmann, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Hartke, R. (2004). O último Meltzer: alguns fundamentos e implicações técnicas. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 11(3), 545-565.
- Meltzer, D. (2017). *O claustro: uma investigação dos fenômenos claustrofóbicos* (M. S. Martins, Trad.). Blucher; Karnac. (Trabalho original publicado em 1992)
- Ogden, T. (1996). *Os sujeitos da psicanálise* (C. Berliet, Trad.). Casa do Psicólogo.
- Rezze, C. J. (1997, novembro). *A fresta* [Apresentação de trabalho]. W. R. Bion: 100 anos, Curitiba, PR, Brasil.
- Rezze, C. J. (2016). Prazer autêntico: o belo: estesia: ideias embrionárias. In C. J. Rezze, C. A. V. Camargo, & E. S. Marra (Orgs.), *Bion: transferência, transformações, encontro estético* (pp. 13-29). Primavera Editorial.
- Rezze, C. J. (2018, julho). *Teria Bion vislumbrado o prazer autêntico?* [Apresentação de trabalho]. Encontro Internacional Bion 2018: Pensamentos Selvagens, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade* (J. O. Aguiar e V. Nobre, Trans.). Imago. (Trabalho original publicado em 1971)

Bibliografia consultada

- Bion, W. R. (1991). *O aprender com a experiência* (P. D. Corrêa, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1962)
- Cezar, P. (Diretor). (2008). *Só dez por cento é mentira* [Documentário]. Artesanato Eletrônico.

Maruzza Tereza Cerchi Borges Fonseca

Endereço: Av. Floriano Peixoto, 615, sala 203, Centro. Uberlândia/MG.
CEP: 38400-178
Tel.: (34) 99971-6722
E-mail: maruzza.cerchi@gmail.com